Acervo Instituto Memória Brasil – Direção e Autoria: Assis Ângelo

Ano II - nº13 - 6/5/2013

Vanzolini, o cientista compositor

O Brasil perdeu na noite de 28/4 um de seus maiores herpetologistas, Paulo Emílio Vanzolini. Com ele morreu também o compositor Paulo Vanzolini, autor de clássicos como *Ronda* e *Volta por cima*.

Embora tenha sido mais pelo lado musical que Vanzolini ganhou manchetes ao longo de sua vida, ele sempre fez questão de se declarar apenas um cientista que compunha de vez em quando. Outra de suas afirmações constantes era no sentido de classificar como "boba" e "piegas" sua composição mais conhecida, *Ronda*. Sobre ela ser considerada a música-símbolo de São Paulo, disse uma vez em entrevista, com a ironia que lhe era peculiar: "Que símbolo, que nada! Uma música que fala de uma prostituta que mata o amante não pode ser símbolo de coisa nenhuma". Para ele, sua melhor composição era *Capoeira do Arnaldo* (ver letra e link na pág.). Para os especialistas, entretanto, cada uma no seu estilo, ambas são magistrais, como outras do mestre cientista.

Nesta 13ª edição de Jornalistas&Cia Memória da Cultura Popular, para homenagear o amigo Vanzolini **Assis Ângelo** resgatou do acervo do seu Instituto Memória Brasil entrevista que fez com ele, em 8/4/1990, para o D. O. Leitura, extinto suplemento cultural do Diário Oficial do Estado de São Paulo – reproduzida depois, em

novembro do mesmo ano, no Pasquim –, e que, como sempre, contextualiza e enriquece com novas informações.

Boa leitura!

Eduardo Ribeiro e Wilson Baroncelli



Assis, no acervo do IMB, com um exemplar do D. O. Leitura

Partiu em silêncio, sem choro, nem lágrima

Por **Assis Ângelo** - Fotos e reproduções fotográficas de Clarissa de Assis

Aquela segunda-feira 15 chegou embalada nos braços das quatro estações, como quase sempre ocorre no outono paulistano.

O frio, mais fácil de pegar, não me largou desde então.

E ali pelo meio da tarde, um pouco mais, talvez, o compositor Eduardo Gudin telefonou para lembrar o compromisso que eu assumira, de ir ao encontro de Paulo para uma prosa e risadas regadas a cerveja no Bar do Alemão.

Eu iria; mas à medida que a noite chegava e a temperatura caia, eu esmorecia.

O vento soltava silvos arrepiantes.

A lua no céu não se via, mas era Nova e faltavam dez dias para a lua Cheia chegar; e ela chegou, coincidentemente, no dia do aniversário de Paulo: 25 de abril.

Não fui ao encontro marcado, mas Andrea foi e disse que logo que ele a viu perguntou por mim. Paulo era assim, carinhoso e reverente com os amigos.

E lá no bar ele ficou até por volta da meia-noite batucando na mesa, cantarolando chorinho e molhando a garganta para espantar o frio porque, dizia, "ninguém é de ferro".

Passaram-se dez dias e dez noites desde aquela segunda-feira, a mais fria do ano.

O dia 25 deu as caras de modo estranho, isto é: negando ar aos pulmões da cidade.

O dia 25 amanheceu com o horizonte pintado de cinza, de tão poluído.

O dia 25 veio com um aumento absurdo de ozônio na atmosfera e maus presságios incrustados nos seus mistérios.

Nesse dia Paulo foi levado às pressas ao Hospital Albert Einstein, em cuja Unidade de Terapia Intensiva permaneceu por três dias com pneumonia extensa, sem previsão de alta.

Pneumonia extensa é a que não perdoa,



é a que provoca queda de oxigênio no sangue das pessoas.

Portanto, era grave a situação.

Mas eu fiquei sabendo disso somente no domingo 28, começo da noite, através de e--mail do colega repórter **Jotabê Medeiros**, do Estadão.

Às 20h58 postei no blog um texto, cujo título era Paulo Vanzolini não está em casa.

À meia-noite e quatro minutos já da segunda – mais uma segunda, e fatídica –, o músico Ítalo Peron telefonou para falar de uma tragédia.

E fui dormir um sono aperreado.

Às 15h23, postei: *Paulo Vanzolini está* no céu.

E logo a sua história inteirinha a minha mente me trouxe.

Lembrei-me das idas e vindas que fiz à sua casa, no Cambuci, e ao museu de Zoologia, no Ipiranga; dos nossos encontros discorrendo sobre cultura popular no Sesc,

em biblioteca pública e numa das unidades do Centro Educacional Unificado da Prefeitura de São Paulo.

Lembrei-me também dos festivais de poetas improvisadores realizados no Centro de Tradições Nordestinas e no Teatro Denoy de Oliveira, de que participamos como jurados.

Ele vibrava com os repentes dos violeiros, tanto que um dia até compôs, por brincadeira, uma estrofe em sextilha com rimas no 2º, 4º e 6º versos ou linhas (AB-CBDB), esta:

Eu sou Paulo Vanzolini Animal de muita fama Eu tanto corro no seco Como na vargem de lama Mas quando o marido chega Me escondo embaixo da cama

Pesquisador de campo especializado em

cobras e lagartos, calejadíssimo, com umas 50 malárias e outros males nas costas, Paulo passou a vida em busca do desconhecido.

Foram muitas as viagens.

Ele aprendeu e ensinou.

Suas expedições foram todas registradas em fotos e diários.

Os diários, escritos com sua letra bonita, somam duas dezenas de volumosos cadernos e foram anexados aos 25 mil volumes da biblioteca que construiu com os 300 mil dólares que recebeu a título de direitos autorais por suas músicas e que doou ao Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, USP, do qual foi diretor por décadas.

Uma de suas vontades era permanecer à frente do Museu por toda a vida, mas não deixaram.

"Essa política de gabinete é uma porcaria!", me disse uma vez, zangado.

Paulo conhecia o interior do Brasil como a palma das mãos.



nº 13 6/5/2013

A Amazônia, por exemplo, talvez ele só perdesse em conhecimento para os índios e Deus.

Ele era incrível.

E como como se não bastasse, lembrou Fernando Reinach na sua coluna de sábado



Na Amazônia, pesquisa a bordo

Rumo à eternidade

Vanzolini foi-se embora

Ele deixou obra completa

E em nós muita saudade

Foi mestre, compositor, Cantou a alegria e a dor

Ele lutou por igualdade

E fez da música oração

Fortaleceu-se na razão

Vanzolini foi artista

Da ciência o seu caminho

Nascido em terra paulista

Fez Samba Erudito e Leilão,

Foi ele um bom cidadão

Ronda e Volta por Cima,

Amor de Trapo e Farrapo,

Tanta coisa de boa rima

Porque teve paciência

Fez Vanzolini com ciência

Para estudar nosso clima

Com toda liberdade

"Vanzolini descobriu uma Amazônia mais heterogênea do que imaginava. (...) Ele desvendou parte do mistério que cerca a origem da biodiversidade amazônica". Paulo era um cidadão desassombrado, que nunca teve medo de ajudar pessoas perseguidas pelos poderosos do governo militar, escondendo-as na sua

último (4/5) em O Estado de S. Paulo que

nossas fronteiras. Além disso, ele ainda achava tempo para compor música...

casa e na casa de amigos e facilitando a fuga de quem precisava fugir através das

Em 2009, o diretor de cinema Ricardo Dias fez o filme Um homem de moral, sobre o compositor Paulo Vanzolini.

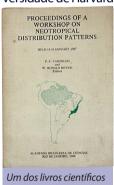
Antes, o mesmo Ricardo dirigiu os documentários Os calangos do Boiaçu e No rio Amazonas, sobre o cientista Paulo Emílio Vanzolini.

Lembrando os poetas improvisadores ao som de viola de que tanto gostava, arrisquei fazer no bico da pena os heptassílabos a seguir, com rimas entre as 2a, 4a e 7a linhas 24VPS, SUPERFILMES e RDSD Produções Paulo Vanzolini em Um filme musical de Ricardo Dias

(BBB) e 5ª e 6ª (DD), com a 1ª e a 3ª (AC) sem rimas. O detalhe nesse tipo de setilha – ao contrário da setilha de cordel – é que essas estrofes terminam com uma "deixa", que leva forçosamente um dos repentistas a rimar a última linha com a 1ª da estrofe seguinte, assim:

Vanzolini está acima Do banal e do rasteiro Pela vida ele passou Como grande brasileiro Fez o que tinha de fazer Sem desistir do prazer Foi da ciência guerreiro

> Com o geógrafo e ambientalista Aziz Ab'Saber, o Ph.D em Herpetologia pela Universidade de Harvard Paulo Emílio Vanzolini



de autoria de Vanzolini

foi coautor da Teoria dos refúgios, segundo a qual as mudancas climáticas em florestas contínuas, como a Amazônia, fragmentam formações vegetais que causam especiação e, consequentemente, enriquecem a biodiversidade da

nossa América.

A última vez em que eu e Paulo estive-mos juntos foi na noite de 9 de fevereiro de 2012, no Sesc Santana, onde proseamos sobre música para uma pequena plateia que lotou o ambiente onde fora instalada a exposição Roteiro Musical da Cidade de São Paulo, da qual ele participou e foi homenageado num espaço próprio com uma retrospectiva da sua obra musical.

Embora quase sempre de cara fechada, aparentemente de poucos amigos, ele vivia de bem com a vida.

O seu humor era requintado, irônico, mas simples; o contrário exato do humor comportado e politicamente correto que anda por aí.

Ele tinha a língua solta e nunca deixava de opinar, tanto que até depreciava uma de suas músicas mais conhecidas, Ronda, que classificava de "boba" e "piegas".

Ronda foi gravada por dezenas de intérpretes, entre os quais Cauby Peixoto, José Domingos, Waldir Calmon, Emílio Santiago, Jair Rodrigues, Pedrinho Mattar, Fagner,

Maria Bethania, Ângela Maria, Nora Ney, Clara Sverner, Waleska, Marlene e Carmen

A poesia de Paulo sempre foi especial. Qual letrista que, além de não ligar pra rima, aqui e ali ainda emprega termos conflitantes como "mistifório" e "aprecea"? (Alberto).

Qual compositor arriscaria rimar "infer-

nos" com "eterno"? (Amor de trapo e farrapo).

E qual cientista faria versos como estes: "Eu moro onde mora a raiz/Do chão/No

escuro calado e feliz/Do chão/No tempo que eu tinha asa/Piruetei, mandei brasa/ Voei no vento do ar/Pra depois voltar/Pro chão/No fundo do chão eu botei raiz/A seiva do chão eu bebi feliz/No escuro da minha casa/Vai me nascer outra asa/E eu volto solto pro ar/Contigo livre a bailar/ Enquanto o vento soprar/Sem pensar no chão" (Raiz).

Qual compositor abordaria um mesmo tema com situações diversas e se sairia tão bem, como Vanzolini em Samba erudito ("...Soltei filipetas/Pra te dar um Cadilac/ Mas você nem ligou/Pra tanta proeza/Pôs um preco tão alto/Na sua beleza/E então como Churchill/Eu tentei outra vez/Você foi demais/Pra paciência do inglês/Aí me curvei/Ante as forças dos fatos/Lavei minhas mãos/Como Poncio Pilatos") e Falta de mim







nº 13 6/5/2013

("...Estranha guem amarque a boca/Que já não lhe beija/Que anda em seco os olhos/ Sem os meus/Com a muita raça que tem/ Leva essa farsa/Até o fim/Mas trás escrita na testa/A falta de mim")?

Ao mesmo tempo em que gerava um samba lírico como Cravo branco ("...Ela lhe deu o cravo/O outro se ofendeu/Fle olhou o revólver/Dava tempo e não correu/Dobrou os joelhos/Desabou no chão/Com os olhos redondos/E o cravo branco na mão..."), gerava também um samba que de lirismo não tinha nada, como Suicídio, em que o personagem quer se matar mas o máximo que consegue, por ter "o corpo fechado", é provocar um enorme descarrilamento na Central.

Em muitos momentos o humor de Paulo soava ácido.

Isso talvez pelo fato de ter sido especial observador das pequenas tragédias da vida.

Essas observações, aliás, renderam letras de música e poemas que primeiro inseriu num folheto intitulado Lira, no final dos anos 50, e no livro Tempos de cabo, de 1981, ilustrado depois (2ª edição, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; 2009) pelo pintor

cearense Aldemir Martins (1922-2006).

As letras e poemas que Paulo fazia não tinham outro fim senão o de deleite próprio e dos amigos.

Um exemplo: quando estourou o escândalo de adultério envolvendo os ministros Bernardo Cabral e Zélia Cardoso de Mello do governo Collor, em outubro de 1990, Paulo cantarolou um musiquinha cuja letra é esta que vai a seguir, inédita, como inédito continua meu livro em que ela foi alojada, 20 dias que sacudiram o Brasil:

Minha neguinha Hoje eu acordei disposto A fazer seu gosto Vamos nos casar Hoje é o dia De enfrentar a Pretoria De na pausa ou na agonia A gente se amarrar E o padre e o cartório Já estão avisados O bifê tá contratado Nada vai faltar Você se pinte Você se enfeite Você se vista



Que eu vou dar uma passada No dentista E volto já

Eu reconheci a história rapidamente e Paulo riu, satisfeito, ao narrar com obietividade em versos a cena envolvendo os amantes, num hotel em Paris.

Outro exemplo?

Num dia qualquer de 1966, o publicitário Marcus Pereira, seu sócio no extinto Jogral,

junto com Luiz Carlos Paraná, lhe propôs gravar um LP com as músicas que fazia e quardava.

A resposta foi curta e grossa: Não! Noutra ocasião, o mesmo Marcus, junto com Paraná, fez a mesma proposta.

A resposta foi curta: Sim.

Eu outubro de 1967, Chico Buarque, Mauricy Moura, Cristina, irmã do Chico; Adauto Santos, Cláudia Morena e o próprio Carlos Paraná entraram em estúdio



e gravaram, com arranjos de Toquinho e do maestro Portinho, o histórico - e hoje raro - LP Paulo Vanzolini - Onze sambas e uma capoeira, que traz no repertório pérolas como Juízo final, Capoeira do Arnaldo, Praça Clóvis, Cravo branco e Volta por cima, entre outras.

Mas essa não foi a primeira vez que Paulo se deixou gravar em disco.

A primeira ocorreu no dia 3 de agosto de 1953, num estúdio da extinta RCA Victor, no Rio de Janeiro.

Na ocasião, Inezita Barroso gravou a até então inédita Ronda, que ocupou o lado B do disco de 78 rpm nº 80.1217, que trazia no lado A a moda de viola Marvada pinga.

Ronda foi composta em 1945, ainda no tempo em que o autor era cabo do Exército. Na segunda, 29 de abril, por volta das 18h e aos 89 anos de idade, o homem de moral Paulo Vanzolini foi sepultado sem choro, sem lágrima, sem música, sem palma, sem nada. O adeus foi mudo. O

silêncio cortante. O sol amarelo de poeira tóxica registrou a centena e meia de pessoas presentes ao cemitério onde está também o que restou de Monteiro Lobato e da marquesa de Santos. Apenas um repórter de jornal e outro de televisão cobriam discretamente o acontecimento de dor, tristeza, abandono, impotência.

Bracos cruzados e mãos nos bolsos eram sinais de que o frio estava voltando.



Em áudio e vídeo

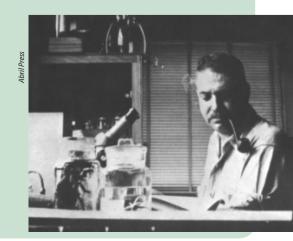
Confira nos links a seguir alguns momentos relevantes de Paulo Vanzolini em som e/ou imagem:

- Depoimento de Vanzolini a Assis sobre Ronda http://migre.me/epPel
- · Poema dele para São Paulo http://migre.me/epPqS
- O documentário Um homem de moral, dirigido por Ricardo Dias http://migre.me/erim2
- A ciência do bamba, outro documentário sobre Paulo http://bit.ly/10fUjuo
- Depoimento ao programa Provocações, de Antonio Abujamra http://migre.me/eriCf

O cientista

Paulo Emílio Vanzolini foi diretor do Museu de Zoologia pela Universidade de São Paulo, médico formado pela Universidade de Medicina da USP, doutor (Ph.D) pela Harvard University, livre-docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP; professor-assistente encarregado da disciplina Princípios e Métodos Básicos da Investigação Científica-Estatística na Faculdade de Medicina da USP, professor de graduação e pós-graduação da disciplina Zoogeografia Ecológica da América do Sul no Instituto de Biociências da USP; professor de pós-graduação na área de Ecologia da Universidade Federal do

Amazonas (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), professor do curso de pós-graduação em História Social no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; membro titular da Academia Brasileira de Ciências; fellow da John Simon Guggenheim Memorial Foundation; honorary member da American Society of Ichthyologists and Herpetologists; fellow da American Association for the Advancement of Science; membro do comitê organizador do Congresso Mundial de Herpetologia; e presidente da Associação Brasileira de Estudos Ouaternários.





Doutor Paulo Emílio Vanzolini, um Ph.D do samba

(íntegra da entrevista publicada na edição nº 95 do D. O. Leitura, suplemento do Diário Oficial do Estado de São Paulo, em 8 de abril de 1990)

"Não sou homem de duas profissões. Sou zoólogo. Faço da poesia e da música um hobby." Mesmo assim, e com a reputação internacional de cientista doutorado em Harvard, Paulo Vanzolini é autor de pelo menos dois clássicos da música popular brasileira: Ronda e Volta por cima. Este texto apresenta um pouco das duas faces do cientista-sambista que, além desta absoluta singularidade, tem a de detestar dar entrevista. "Me dá dor de cabeça".

Por **Assis Angelo**

O poeta e compositor popular Paulo Vanzolini, também doutor (Ph.D) em Biologia pela Harvard University desde 1951. está completando 67 anos de idade. Viva! Nascido no dia 25 de abril de 1923, às 4 da tarde, num aconchegante casarão da outrora tranquila av. Brigadeiro Luiz Antônio, em São Paulo, Paulo Vanzolini, ou melhor, o dr. Paulo Emílio Vanzolini é hoie um homem reconhecido internacionalmente pela originalidade e seriedade de suas pesquisas no campo da Herpetologia, que é a parte da Zoologia que trata dos répteis.

O dr. Paulo Emílio Vanzolini é diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo desde 1962; o poeta e compositor Paulo Vanzolini é autor de verdadeiras pérolas da música popular, como Ronda e Volta por cima. Até o ano passado, o dr. Paulo Emílio Vanzolini havia concluído seis mestrados e 21 doutoramentos, publicado cinco livros e 107 outros trabalhos de cunho científico. Mas, enfim, quem são esses paulos? Super-homens? O dr. Paulo relaxa e ri, aparentemente assumindo a identidade do artista:

- Não, não. Somos uma pessoa.

Cientista de dia, de noite compositor, poeta, boêmio. Explica:

 Sim, acompanhei a gravação. Foi engracadíssima, meio por acaso. Eu estava no estúdio, ao lado de Inezita. No Rio. Na hora ficou decidido que Ronda seria incluída no disco, aliás o primeiro de Inezita Barroso. Não houve ensaio, não houve nada. Fui

Partitura de Ronda, para a cantora Márcia



 Não sou homem de duas profissões. Sou zoólogo. Faço da poesia e da música um hobby.

Além do mais é cantor, contador de histórias e íntimo do gênero repente, e se apresenta sem firulas e aos moldes dos cantadores nordestinos: "Eu sou Paulo Vanzolini/Animal de muita fama/Eu tanto corro no seco/Como na vargem da lama/ Mas quando o marido chega/Me escondo embaixo da cama".

Enfim, Paulo ou dr. Paulo?

Paulo.

O fato de ser conhecido pela maioria do público como poeta e compositor não o incomoda?

– Não. Eu sempre fiz música. Comecei a compor na época de estudante. Nos anos 40 eu era o apresentador dos shows da Faculdade de Direito Largo de São Francisco. Também chequei a escrever monólogos e a produzir programas de rádio e festivais de música.

Queda pra arte. Estimulado por alguém especial?

– Não. Sempre fiz essas coisas de forma espontânea.

Lembra do primeiro poema escrito, da primeira música composta?

Não. Lembro da primeira música gravada, que foi Ronda.

Ano?

- 1953, por Inezita Barroso. Ela gravou Ronda nas costas da Moda da pinga.

Como assim?

 É que ela tinha esquecido que um disco tem dois lados, o A e o B. Então, de um lado tinha Moda e do outro acabou entrando Ronda.

Ronda foi gravada, então, pela primeira vez, em 1953. Quantos anos depois de composta?

– Ah, quase dez. Ela foi composta por volta de 1945.

Como surgiu a ideia?

- A ideia surgiu da boêmia acadêmica, do bas fond, da prostituição. Bar, chope. Surgiu de cabeça, sem raiz em realidade nenhuma. Tipo Álvares de Azevedo. Enfim, foi coisa de estudante: de romantismo--estudantismo mesmo.

Se não houve história na composição, talvez tenha havido na gravação. Você acompanhou a gravação integral de Ronda?

apresentado aos músicos. Da nossa parte, clima de ansiedade. Dos músicos, não. Eram tarimbados. Inezita começou a cantar e os músicos a tocar, todos num só microfone. Achei que não ia dar certo. Deu, ficou bom. Você vê, tudo de improviso e sem repetição.

Hoje nem Nélson Gonçalves grava de improviso com os músicos, pois há todo um ritual a ser seguido.

E quem eram os músicos que participavam da primeira gravação desse verdadeiro clássico da MPB que é Ronda?

- Eu não conhecia ninguém. Só depois, já em São Paulo, é que fiquei sabendo que gravara com o naipe dos maiores gênios: Garoto Bola Sete e Menezes no violão: Chiquinho no acordeon e Abel no clarinete. Bola Sete







Volta por cima - Noite Ilustrada



6/5/2013

e Menezes faziam o diabo no violão, idem Garoto, de quem me tornei amigo.

Dezenas e dezenas de intérpretes gravaram Ronda. Na sua opinião, qual a melhor interpretação?

De todas, duas me emocionam até hoje: as de Márcia e Cláudia Moreno. Elas recriaram Ronda e realizaram gravações primorosas. E um detalhe: em nenhum momento elas se copiam. De fato, as interpretações que dão a Ronda são primorosas.

Ronda foi a primeira gravação. E a se-

- Volta por cima, muitos anos depois. Esse samba também era pra Inezita gravar, mas ela não pôde. Ficou pra Noite Ilustrada, que fez um sucesso danado.

Das músicas que você fez, quais as de sua preferência?

– Há umas quatro, incluindo aí *Boca da* noite. Mas Capoeira do Arnaldo é a minha melhor música. Ela tem toda uma dimensão lúdica. Gosto disso. É uma coisa assim de contar vantagens, de corpo aberto. Lembra o Nordeste, o nordestino. Aliás, eu

trabalhei no sertão nordestino, conheço seu povo, seus hábitos. Eu poderia até dizer que Capoeira do Arnaldo é uma espécie de homenagem que fiz ao Nordeste.

Você toca algum instrumento? Você estudou música? Sabe ler partitura? Enfim, qual a sua formação?

 Bom, a minha formação mesmo é acadêmica. Fui criado pra ser intelectual. Sou zoólogo, essa é minha profissão de fato. Eu sou homem de uma só profissão. Agora, musicalmente falando eu sou um analfabeto. Faço música de ouvido, não toco instrumento nenhum e não sei ler partitura. Mais: não tenho voz, sou muito desafinado

Por quê?

– Não sei, talvez não tenha me interes-

Embora você seja autor de verdadeiras maravilhas musicais, dificilmente se lê alguma coisa a seu respeito nos jornais. Em televisão, então, acho que você nunca apareceu.

– Pois é. Não gosto de aparecer em noticiário algum. Não gosto de dar entrevista, isso me dá dor de cabeca. Além do mais, a minha área de atuação é, mesmo, a Zoologia. E Zoologia não interessa ao jornal, à tevê.

Mas você não fala à imprensa por que não quer ou por que não te procuram? No Brasil, aliás, música, para a imprensa, de modo geral, é boa quando é estrangeira, de preferência de autoria dos gringos do Norte...

- Não, não. Vez por outra até que procuram o compositor Paulo Vanzolini. O campo de ação de Paulo Emílio Vanzolini é o da Zoologia. Prefiro falar de Zoologia.

Como é que a Zoologia entrou na sua vida? Influência dos pais? Há biólogos na família?

Gosto de bicho desde pequeno [conta a lenda que o menino Paulo um dia ganhou de presente do pai e que com ele foi ao Butantã, onde se abismou ao ver animais de todos os tipos, que até então considerava inexistentes; a partir daí teria surgido sua paixão pelos répteis]. Os répteis são bichos muito especiais. Aliás, eu lido com bichos como bichos e não como causadores de

moléstias ou produtores de dinheiro. O meu interesse pelos bichos é totalmente científico. Acho que é assim que deve ser.

Você doutorou-se pela Harvard...

Normal. Sou de uma família de intelectuais. Fui criado para ser intelectual, como disse. Fui criado com literatura, música, pintura. Meu pai, um professor da Politéc-

Assis Ângelo e Paulo Vanzolini

nica, deu-me uma biblioteca inteira antes mesmo de eu aprender a ler. Quer dizer, eu tinha de ser intelectual ou intelectual. E gosto do que sou, do que faço.

A música...

 Está no meu sangue. A poesia também, só que procuro não misturar as coisas [ele não confunde alho com bugalho; aliás, Paulo Emílio Vanzolini, o dr., só está disponível para a imprensa como Paulo Vanzoli, o compositor, depois das 18 horas, que é a hora em que deixa de lado seus afazeres no Museul.

Qual, na sua opinião, a diferença do bicho para o homem?

- O bicho deve ser preservado. E do cientista para o compositor?

O cientista é importante.

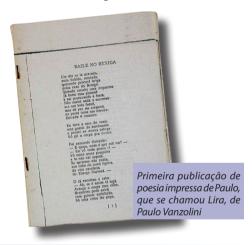
Você é o único zoólogo da família?

- Somos três irmãos, dois homens e uma mulher. Um engenheiro, uma professora de Psicologia da USP e eu. Desde criança, eu sempre quis ser zoólogo. Não sei por quê. Me especializei. Depois de muitos estudos, deixei o Brasil em direção aos Estados Uni-

dos em setembro de 1948 e retornei em janeiro de 1951. Harvard me foi muito útil.

Voltando um pouco à música. Você não é de compor muito...

- Na verdade, eu tenho umas 40 músicas. Eu produzia uma música, um sambinha por ano. Agora, nem isso. É, como eu disse antes, um hobby. Sou zoólogo, diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São



Paulo. Música para mim é divertimento, não faco dela profissão.

Insisto no assunto. Tem músicas inéditas?

 Não. As que eu tinha foram tiradas, raspadas, do baú para o LP [Inéditos de Paulo Vanzolini] patrocinado pela Comgás em 1987.

Inezita tem duas músicas suas. Inéditas.

- Pode ser, não lembro. Se existirem, são antigas, muito antigas, coisa da época de estudante, talvez.

Por que você compõe tão lentamente?

- Eu componho lentamente, sim, mas com toda a sabedoria poética que me é possível. É meu jeito. Posso dizer, aliás, que depois da morte do meu grande amigo Luiz Carlos Paraná senti-me desmotivado para continuar compondo. Ele era fabuloso, nos entendíamos como irmãos. Paraná fazia arte sem compromisso com o mercado. Ele, de fato, tinha preocupação com a cultura. Talvez por isso eu me desse tão bem com ele. De certa forma, é por causa dele que não componho há muito tempo. Por isso é que não tenho inéditas.

Paraná chegou a produzir um disco seu, não foi?

Sim, o primeiro e mais importante disco meu. Com a participação de Adauto Santos, Cláudia Moreno e Chico Buarque, entre outros amigos queridos. Foi em 1968.



Essa entrevista de Vanzolini a Assis também foi reproduzida no Pasquim em novembro de 1990

Chico é quem apresenta esse disco...

– É ele e outros amigos, inclusive Marcus Pereira. Chico eu conheço desde seus dois anos de idade. Quase um filho. Fui muito amigo de seu pai.

Você é de poucos parceiros, por quê?

Não sei. Tem o Gudin (Eduardo), o Toquinho e o meu velho e bom amigo de Campinas Paulo Artur Nogueira, o Paulinho Nogueira. Um gênio, o Paulinho.

Você há pouco falou que Capoeira do Arnaldo é sua melhor música. Como surgiu essa música?

- De farra. Um dia o Arnaldo Predoso d'Horta, jornalista e pintor amigo, me desafiou: "Esse gringo Carybé está por aí ensinando capoeira a todo mundo e você, o que faz? Nada. Aí então, eu disse: "Pois bem, amanhã eu vou lhe mostrar uma coisa". E mostrei Capoeira do Arnaldo. Quer dizer, essa música surgiu de uma brincadeira, pois eu adoro Carybé, que é amigo meu até hoje. Amigo queridíssimo.

Além de falar com insuspeita propriedade a respeito de cobras e lagartos e outros ha-

6/5/2013

bitantes do chamado mundo animal, você trabalhou em rádio com Cacilda Becker e Gregório Barrios. De farra?

- De certa forma. Foi bom. Eu me divertia muito. Mas trabalhei em televisão também, antes do advento do teipe. Pra Cacilda eu produzia um programa do tipo "correio sentimental" e para o Gregório, um musical.

E na tevê?

- Ah, eu produzi o 1º Festival da Velha Guarda, em 1954. Esse festival teve a participação de Donga, Pixinguinha, Jacob do Bandolim, J. Cascata, Leonel Azevedo e outros cobrões da época. Produção para a Tupi. Também foi de minha responsabilidade o primeiro show de cantador de viola nordestino. Pra esse "festival" eu trouxe Dimas e Otacílio Batista, por exemplo. Na época, época do 4º Centenário de São Paulo, eu tinha um programa. Levei Dimas e Otacílio para cantar. A apresentação deveria se encerrar as 23h, encerrou-se as 4h. Ao vivo, uma beleza!

Em Capoeira do Arnaldo você se revela

uma espécie de cantador, repentista. Qual a importância que esse tipo de arte tem em sua vida?

- Ah, taí uma coisa de que gosto muito: o repente. O cantador nordestino faz uma arte maravilhosa. Há toda uma magia no canto do cantador, pois ele não só tem preocupação com a rima, preocupa-se também com a forma.

A Paraíba é arsenal de cantador.



 É, Zé Limeira era de lá. Zé Limeira é meu "santo". Mas em São Paulo ainda há gente boa na estrada, como Tião Carreiro e Pardinho. Esses dois tem um trabalho autêntico, embora não sejam cantadores aos moldes do Nordeste. Mas são autênticos, representam a música do interior de São Paulo. Além desses cabras, tem o João Pacífico, que é um deus, autor, se não bastasse, de Cabocla Tereza.

Se você quisesse ou pudesse, quem selecionaria para integrar um LP? Paulo Vanzolini faria parte dessa seleção?

- Ah, não sei. Só sei que começaria a selecionar autores do tempo de Silvio Caldas. O próprio Silvio, com Chão de estrelas, Orestes Barbosa, Ataulfo Alves e Noel Rosa, entre outros. Noel para mim é um mestre, o único que chegou perto dele foi Chico Buarque. Sinceramente, não sei se sobraria espaço nas 12 faixas para alguma coisa de Paulo Vanzolini.

Muita gente boa, como o geógrafo Azis Ab'Saber, já disse que você é "um cientista classe Alfa", classe essa com quadro hoje em extinção.

 Bobagem. Sou apenas um profissional que se dedica seriamente às suas atividades.

O biólogo Clodowaldo Pavan diz que você é um homem de muitos instrumentos.

- Os répteis pra mim são instrumentos de trabalho. Talvez ele tenha se referido

Falamos do poeta muito pouco nesta entrevista...

- A poesia é importante, mas a pesquisa científica é muito mais. Portanto... Precisamos ser práticos.

Na verdade, o poeta Paulo Vanzolini não se sente muito à vontade para falar da sua poesia. Lembra que, nos anos 1950, publicou dois livros com alguma "coisa poética".

O primeiro, Tempos de cabo, e o segundo, Lira, de Paulo Vanzolini. Era para ser Lira de Paulo Vanzolini. O autor conta que lamentou a publicação a partir daí e que nunca mais cometerá "erros" desse tipo.

Perdemos nós.



Capoeira do Arnaldo Letra e música de Paulo Vanzolini (a preferida do autor)

Quando eu vim da minha terra Passei na enchente nadando Passei frio, passei fome Passei dez dias chorando Por saber que de tua vida Pra sempre estava passando Nos passo desse calvário Tinha ninguém me ajudando Tava como um passarinho Perdido fora do bando Vamo-nos embora, ê ê Vamo-nos embora, camará Presse mundo afora, ê ê

Quando eu vim da minha terra Veja o que eu deixei pra trás Cinco noivas sem marido Sete crianças sem pai

Presse mundo afora, camará

Doze santos sem milagre Quinze suspiros sem ai *Trinta marido contente* Me perguntando "já vai?" E o padre dizendo às beata "Milagre custa, mas sai"

Vamo-nos embora, i-êi (...)

Quando eu vim da minha terra Num sabia o que é sobroço Sabença de burro velho Coragem de tigre moço Oração de fechar corpo Pendurada no pescoço Rifle do papo-amarelo Peixeira de cabo de osso Medalha de Padre Ciço E rosário de caroço

Pra me alisar pêlo fino E arrepiar pêlo grosso Que eu saí da minha terra Sem cisma, susto ou sobroço

Vamo-nos embora, i-êi (...)

Quando eu vim da minha terra Vim fazendo tropelia Nos lugar onde eu passava Estrada ficava vazia Quem vinha vindo, voltava Quem ia indo, não ia Quem tinha negócio urgente Deixava pro outro dia Padre largava da missa Onça largava da cria E os pai de moça donzela Mudava de freguesia

Mas tinha que fazer força Porque as moça num queria

Vamo-nos embora, i-êi (...)

Eu sai da minha terra Por ter sina viageira Cum dois meses de viagem Eu vivi uma vida inteira Sai bravo, chequei manso Macho da mesma maneira Estrada foi boa mestra Me deu lição verdadeira Coragem num tá no grito E nem riqueza na algibeira E os pecado de domingo Quem paga é segunda-feira Vamo-nos embora, i-êi (...)

Confira em http://migre.me/epOz6 o próprio Vanzolini cantando a música.

Expediente – Jornalistas «Cia Especial Memórias da Cultura Popular é uma publicação mensal da Jornalistas Editora Ltda. (Tel. 11-3861-5280) em parceria com o Instituto Memória Brasil • Diretor: Eduardo Ribeiro (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Produção do conteúdo: Assis Ângelo (assisangelo@uol.com.br) • Editor-executivo: Wilson Baroncelli (baroncelli@jornalistasecia.com.br) • Diagramação e Programação visual: Paulo Sant'Ana (pr-santana@uol.com.br). É permitida a reprodução desde que citada a fonte.